

INTRODUÇÃO DE *Megarhyssa nortoni* (HYMENOPTERA, ICHNEUMONIDAE) PARA O CONTROLE DE *Sirex noctilio* (HYMENOPTERA, SIRICIDAE)

E. T. Iede, S. R. C. Penteado & E. G. Schaitza. Pesquisadores da EMBRAPA Florestas, Estrada da Ribeira, km 111, C. Postal 319, CEP 83411-000, Colombo, PR, Brasil. E-mail iedeet@cnpf.embrapa.br

A vespa-da-madeira, introduzida acidentalmente no Brasil, em 1988, tornou-se a mais séria ameaça aos plantios de *Pinus* spp.. Por se tratar de uma praga exótica, a utilização do controle biológico clássico é a prática mais recomendada. Desta forma, para complementação do programa de controle, iniciado em 1989, realizou-se a introdução do parasitóide *Megarhyssa nortoni*. As fêmeas deste parasitóide apresentam um longo ovipositor, podendo atingir as larvas de *S. noctilio* localizadas a profundidades de até 8 cm, dentro da madeira. Para a realização da postura, introduzem o ovipositor na madeira, a procura da larva hospedeira, a qual é paralisada devido a uma picada, e na sequência, os ovos são depositados sobre o corpo do hospedeiro. Após a eclosão, as larvas do parasitóide alimentam-se externamente e, após consumir o hospedeiro, transformam-se em pupas. Em 20% da população do parasitóide, a emergência pode ocorrer três meses após a postura. Entretanto, 80% dos insetos emergem um ano após. A introdução deste parasitóide no Brasil, deu-se através de um projeto de cooperação internacional entre o United State Department of Agricultural - Forest Service e do International Institute of Biological Control com a Embrapa Florestas. Um total de 108 exemplares do inseto foram coletados na Tasmânia, Austrália, e enviados ao Brasil, entre outubro e novembro de 1996. Deste total, 77 insetos chegaram vivos. Logo após a chegada, os insetos permaneceram em quarentena, em salas climatizadas, onde foram oferecidos toretes de *Pinus taeda*, de 1,80 m de comprimento e 0,25 m de diâmetro, contendo larvas de *S. noctilio*. Estes toretes foram coletados, no campo, no final do mês de agosto de 1996 e mantidos em câmara fria, a uma temperatura de 12° C, para sincronização do ciclo biológico com o parasitóide. A primeira geração em laboratório, obtida entre outubro e dezembro de 1997, resultou em 133 indivíduos (88 fêmeas e 45 machos). O pequeno número de insetos deveu-se às más condições em que os insetos chegaram ao Brasil, em função do grande estresse provocado pelo tempo de deslocamento e diferença de pressão durante o voo. Em função disso, foram liberados, experimentalmente no campo, apenas 18 fêmeas já acasaladas. Os demais insetos foram utilizados na criação massal, em laboratório.